

SÉRIE TRAJETÓRIAS

Palestrante: acadêmico Turibio Santos

Local: Praia do Flamengo, 172 / 12º

Data: 02 de julho de 2002

Hora: 18h: 30min

Ricardo Tacuchian

Nós vamos dar início a mais uma sessão de nossa Série Trajetórias, onde grandes personalidades do mundo musical fazem o seu depoimento que é gravado para a memória musical da Academia Brasileira de Música. Entretanto hoje a festa é dupla, porque além da gravação do depoimento, Turibio Santos também estará lançando seu livro e, de repente, porque não dizer que será uma festa tripla, devido à comemoração do pentacampeonato conquistado pela seleção brasileira.

Falar sobre o violonista Turibio Santos é chover no molhado, é a mesma coisa que dizer que o melhor futebol do mundo é o do Brasil. Não vou perder meu tempo falando isso, mas o Turibio Santos não é apenas o grande violonista consagrado mundialmente e uma glória brasileira. Ele é também um grande líder musical, um grande administrador e um grande educador, é um homem que tem uma grande sensibilidade social nos projetos que desenvolve no Museu Villa-Lobos, é um companheiro de lutas que está sempre batalhando pela ética da profissão no Brasil, na profissão de músico que, às vezes infelizmente, é arranhada por alguns colegas nossos. O Turibio é, antes de tudo, um guerreiro, um homem de luta, um homem da sociedade, um homem da nossa comunidade, é mais que um violonista. Ele é um cidadão brasileiro que nós temos o prazer de receber na Academia, para esse depoimento público que será gravado e, conforme fazemos em todas as sessões de Trajetórias, ao final, a palavra será franqueada para o público fazer perguntas e ele respondê-las. Turibio Santos é também nosso confrade, membro da Academia Brasileira de Música, então não preciso dizer que é bem vindo, porque ele está simplesmente na casa dele.

Turibio Santos

Agradeço ao Ricardo. Ricardo é uma pessoa muito sincera, ele aparece várias vezes na minha vida e vem sempre com alguma proposta que bate muito profundamente na minha atividade, porque é sempre uma proposta construtiva, uma proposta para fazer alguma coisa boa, para criar alguma coisa. Então, nesse momento em que ele me passa a palavra para essa conferência nessa Série Trajetórias, para mim coincide com toda uma experiência de vida. Obrigado, Ricardo.

Eu quero dizer a vocês que realmente esse ano foi um pouquinho encrencado para mim, porque eu tive que tratar desse tema, quer dizer, eu mesmo, em suma, um assunto extremamente complicado quando você vai buscar suas origens, você vai conversar com elas e tal. Sobre o livro que está acontecendo aqui o lançamento, esse livro apareceu de histórias. Eu, todos sabem, gosto muito de um botequim, gosto muito de um bar, e aí conversava com as pessoas, contava histórias que brotavam e que eu não queria deixar que a memória as perdesse. As pessoas começaram a me

estimular: “escreve, escreve isso, escreve aquilo” e nas horas vagas eu ia escrevendo, eu digo “nas horas vagas” porque eu realmente nunca me propus a fazer um livro.

Fazia um capítulo e então dava para o pessoal do museu, o pessoal do 2º andar ler, elas me estimulavam muito, riam, achavam o texto engraçado e diziam: “ah, escreve outro, escreve outro.” No final, saiu uma coletânea que ficou parecida com uma autobiografia, porque entram muito amigos nessa história, amigos fortes, amigos de peito, como Edino Krieger que está aqui sentado e foi meu professor de música e também meu aluno de violão. Nunca vi alunos e professores tão relapsos, tanto um quanto o outro, nós embromamos um ao outro durante dois anos, mas eu levei uma bagagem musical danada e ele deve ter levado também, porque ele compôs uma série de peças para violão, inclusive, agora o *Concerto para dois violões* que acaba de ser editado e lançado pelo maestro Leo Brouwer. Essas amizades são todas muito importantes e vou começar a falar do primeiro amigo que eu tive que, violonosticamente foi muito importante, que foi meu pai.

Eu sou maranhense, meu pai é maranhense também e meu pai era seresteiro, inclusive a coisa da seresta ele levava tão a sério, que conquistou a minha mãe com uma música chamada *Por ti*. A turma da velha guarda conhece essa música, mas também tem uns garotões como o Bira ali, que é capaz de cantar essa melodia.

A nossa família veio do Maranhão para o Rio de Janeiro quando eu tinha mais ou menos uns quatro anos de idade. No Rio, meu pai foi trabalhar no Hospital dos Servidores do Estado e minha mãe era Assistente Social. As irmãs começaram a estudar violão e eu ficava de olho comprido naquele violão o tempo todo, até o dia em que eu não resisti e comecei a pegar no violão delas, meio que escondido, e tocava algumas coisas. A minha mãe, percebendo isso, perguntou: “você quer estudar violão?” E eu disse: “quero!” “Então, vou contratar uma aula com esse rapaz”, que era o Molina, um técnico de aviação, que era um professor não muito frequentador das aulas, mas eu ia aprendendo tudo vendo o que a Conceição sabia e fiz uma brincadeira com ele na primeira aula. Ele disse: “olha aí garoto, faz isso aí”, aí eu fazia, já tinha estudado, e ele foi ficando impressionado. No final da aula, ele estava horrorizado e eu não dizia que já tinha estudado tudo. Então, o Molina sumiu e minhas irmãs foram para outro professor de violão, o Francisco Amaral, e eu fui atrás delas.

Francisco Amaral era uma figura adorável, Chiquinho era altamente popular em Copacabana, ele andava sempre com o violão dele debaixo do braço, acho que até Antônio Carlos Brandão e o Nicanor conheceram o Chiquinho, eles foram colegas quando alunos do Dilermando Reis. Na orquestra do Dilermando Reis, o Chiquinho fazia parte e o Nicanor também. Nicanor Teixeira, esse grande compositor que está aqui na minha frente. Então, o Chiquinho já me deu um repertório mais incrementado e um belo dia eu vejo em um jornal, um anúncio falando de um filme sobre Andrés Segóvia, na Embaixada Americana e pedi a meu pai para ir: “vamos ver esse filme?” Eu tinha 12 anos de idade, ele foi comigo e nesse dia conheci três pessoas fundamentais: Antônio Rebelo, que veio a ser meu professor de violão. Antônio Rebelo era um homem das Ilhas da Madeira, um português que tinha um açougue ali na diagonal do Cinema Roxy, em Copacabana, tinha as mãos deformadas pela profissão, mas era um homem maravilhoso, um homem incrível, um professor ideal para qualquer pessoa. O professor que provoca o amor pelo que você está fazendo, que

provoca curiosidade, uma figura maravilhosa. Junto com o Antônio Rebelo, estava o Jodacil Damasceno, que era o aluno assistente dele, que tinha um som maravilhoso no violão, era um veterano. Ao lado dele estava o Hermínio Belo de Carvalho que, na época, era tesoureiro da Associação Brasileira de Violão e aluno do Antônio Rebelo. Ele veio a abrir para mim as portas da música popular, porque o Hermínio era como jornalista e na época já estava na rádio MEC fazendo inúmeros programas especializados em MPB. Nesses programas permanentemente estavam Jacó do Bandolim, Elizete Cardoso, e eu fui usufruindo daquelas amizades.

Então, essa noite em que conheci Andrés Segóvia foi extremamente importante, é uma noite da qual me lembro até hoje como se fosse ontem e eu tive a prova material disso quando eu descobri o vídeo desse filme de Segóvia. Trinta anos depois eu descobri o vídeo e eu via o vídeo chorando porque parecia que eu o tinha visto há cinco minutos, de tal maneira que aquele momento entrou na cabeça daquele garoto de doze anos de idade.

Preparando esse roteirinho para conversar aqui com vocês, às pressas, antes da seleção brasileira chegar, eu percebi uma coisa muito engraçada. Havia coisas que eu fiz e coisas que eu não fiz, então eu percebi que tem uma série de coisas que eu não fui, não quis e não consegui fazer e todas essas coisas foram mais ou menos criando a trajetória. A minha trajetória foi criada não só pelo que eu quis, mas pelo que eu não pude porque o que eu queria mesmo era ser piloto de avião, eu queria ser comandante de avião. Atualmente meu ídolo é o meu vizinho de prédio, grande Comandante André Brayner, que voa por aí, conta história, mostra a cidade para todo mundo, etc. e tal. Então, não pude ser comandante aos doze anos por causa da minha miopia, mas a Dona Neide era severa em negócio de educação, então tinha que fazer natação, tinha que fazer judô, etc. e tal, *En passant*, eu também já fui nadador, também já não fui judoca, mas foram experiências maravilhosas que me enriqueceram muito e acabaram rebatendo na vida musical porque algumas vezes você é obrigado até a apelar para decidir certas paradas como essa que o Ricardo estava falando dos maus profissionais, dos maus colegas. Porque em todos esses esportes existe um código, existe uma ética, você pula na piscina, você tem que nadar bem e ganha o que ganha, entende? Quando você entra no tatame ganha o que vai ganhar, não tem golpe baixo, senão está anulado o jogo, então tudo isso vale muito para a vida, tudo isso eu faço questão sempre de passar para toda garotada que estuda comigo. Eu acho que tem uma ética, uma conduta, uma lealdade, sem impedir que haja a competição. Considero a competição uma coisa adorável na vida. Eu adoro competir. Estou sempre em postura de competição, mas não quero destruir, nem derrotar ninguém no sentido de esmagar o competidor, quero competir e ganhar, se for possível, se não for, ótimo, competi e me esbaldei.

Bom, mais tarde uma pessoa também muito importante, um pouquinho antes de todas essas que eu falei, não antes do meu pai, foi uma pessoa também inesquecível para mim, Dona Maria Elisa Freitas Lima. Ela era uma aluna de Heitor Villa-Lobos, então ela fazia questão, no Colégio Freitas Lima, onde eu fiz o primário, que todos aqueles ensinamentos de Villa-Lobos passassem, não só os hinos, mas também a arte de manossolfa, a arte de você ouvir música e compreender a música. Dona Maria Eliza, mais ou menos, me seguiu na vida, porque eu consegui entrar no Pedro II, graças a esse colégio maravilhoso, primeiro em Ipanema, depois no Jardim Botânico, e Dona Eliza já estava no Pedro II e às vezes eu ficava com o coração apertado. Entrar no Pedro II foi

maravilhoso por dois motivos, porque era um colégio e ainda é o colégio realmente de referência, apesar de ter tido alguns percalços e na época era um choque também com a sociedade que você não conhecia. Eu me lembro que, com doze anos de idade, sempre nessa idade, foi impressionante, eu passei para o Pedro II. Primeiro dia de aula, aí veio um garotinho contando dinheiro, aí disse assim: “olha só, vou jogar no jôquei, porque eu acabei de comer um viado.” É isso mesmo que ele disse, não fiquem espantados.

Agora para mim, com doze anos de idade, naquela época foi Nossa Senhora o que é isso! E o Pedro II provocava esse impacto porque havia várias classes sociais misturadas ali, então você caía daquela redomazinha do menino da zona sul, para de repente ter um colega favelado do seu lado, daí a formação espontânea política da turma do Pedro II. Eu digo espontânea política, não quer dizer necessariamente que eu seja do partido comunista ou da esquerda não. Preocupado com o social, isso sempre foi muito forte porque esse colégio misturava as classes e como continua misturando até hoje, já que eu tenho dois filhos lá dentro que acompanho de perto.

Aquela minha passagem no primário também foi refletida na Dona Maria Eliza, porque ela é aquela mulher quase uma santa, aí eu chegava ao colégio Pedro II, aqueles colegas turbulentos diziam assim: “poxa vida, lá vem ela com a *5ª de Beethoven* outra vez” e faziam a maior baderna! Várias vezes eu briguei dentro de sala porque eu queria que respeitassem aquela senhora, mas a avalanche contra a chamada música clássica era muito forte e realmente, aos poucos, o ensino da música já ia decaindo, o que foi uma pena porque foi uma criação de Villa-Lobos maravilhosa para o nosso país.

Eu já falei que o Edino foi meu professor de música e foi uma sorte que eu tive de encontrar esse professor tão perto da minha casa, no posto 2. Eu chegava para as aulas e o Edino estava sempre dormindo. Aí, acordava estremunhado e eu ficava esperando o Edino voltar. Depois fizemos um sistema de hora de aulas que também foi muito interessante para ambos, mas com o Edino eu aprendi uma coisa muito importante e que mais tarde vim a compreender em uma dimensão muito maior na figura de Villa-Lobos: é que todos nós somos autodidatas. Isso não quer dizer que eu esteja diminuindo a imagem do professor; sou grato a todos os meus professores, mas acho que o aluno que redescobre, que pesquisa, que organiza ele mesmo seu currículo, ele consegue ser autodidata, ele pegou tudo do professor e ele reconstruiu. E da maneira que ele reconstrói, ele descobre. Por exemplo, há uma frase que eu vejo os alunos dizerem sempre, alguma coisa que se ensinou meticulosamente para o caboclo, aí um dia ele chega e diz assim: “sabe o que eu descobri?” Eu não digo nada. É isso mesmo, funcionou, você está sendo autodidata. Porque eu estou falando em autodidata, por causa também da figura do Villa-Lobos, porque ele foi aquele autodidata que fez seu próprio currículo, mas ele foi um super autodidata. Então ele preparou o currículo dele não só no violão, isso ele mesmo me contou, também nesse período. A formação dele que estudou violão dentro de todos os métodos existentes, Carcassi, Coste, Aguado, Sor, tudo isso ele viveu. Transcreveu precocemente a *Chacone*, de Bach, para o violão e aprendeu muitíssimo! Quer dizer, o currículo dele feito por ele mesmo, autodidata no violão, e isso foi sensacional. A mesma coisa aconteceu quando ele estudou a obra de Bach, quando ele estudou toda a orquestração, quando ele andava com os tratados de Eugene Bozza debaixo do braço de um lado para o outro. Quer dizer, isso dito por contemporâneos dele, então essa coisa do autodidata é

sensacional e encontramos isso muito, todos os compositores com quem eu convivo aqui, na realidade, acabam sendo autodidatas, porque se eles não forem autodidatas, eles não desenvolvem uma personalidade própria e na composição, isso se faz muito presente. No intérprete está mais camuflado, mais disfarçado, mas na composição é tremenda essa capacidade. Há um momento onde ele tem que reinventar a música e ele recria o universo inteiro através da arte dele.

Novamente entra aquela coisa do não fui. Meu pai faleceu e se apresentou aquele dilema: agora tem que sustentar a família, tem que ajudar as pessoas, tem que ajudar a Dona Neide, os irmãos. Então, fui fazer um exame para o Banco do Estado do Rio de Janeiro/BANERJ, passei em todas as provas; na mais fácil que era Português, eu não fui, dormi, ou seja, eu não queria entrar no BANERJ e imediatamente não quis várias coisas que me levaram a descobrir: não, eu vou ter que viver de violão, então qual é o meu alvo? Eu escolhi um alvo, na época, um concurso na França, da rádio-televisão francesa. Eu me empenhei para ter o prêmio desse concurso e na mesma época dois ótimos amigos me ajudaram muito, um foi o Vasco Mariz, apresentado pelo Edino. Vasco era, na época, chefe da seção cultural no Rio de Janeiro, então através de uma seleção por fitas, eu fui um dos cinco finalistas do concurso. Havia mais de 32 países concorrendo, ele me deu uma passagem, o que para mim foi fundamental, porque realmente eu não teria condições, nem meu pai teria condições de me financiar uma passagem, principalmente naquela época, para Paris. Eu fui para Paris, ganhei esse concurso e ganhando esse concurso, muitas portas se abriram, as portas do ensino, as portas de concertos e toda aquela cidade maravilhosa.

No livro, tem um capitulozinho chamado: “muita cidade para pouca idade”, foi exatamente o que aconteceu comigo chegando em Paris, foi uma cidade que me abasteceu e me alimentou, mas nunca me conquistou a ponto de eu querer ficar em Paris. Eu nunca desejei ficar em Paris. Eu fui prolongando porque eu sempre tive uma verdadeira obsessão por voltar ao Brasil, o que só se apresentou depois de ter desenvolvido uma carreira, que eu posso dizer que foi forte, foi muito forte internacionalmente. Mas chegou um momento em que eu saturei, saturei daquelas viagens todas, saturei de estar sozinho, permanentemente sozinho. O violão tem um agravante, é muito pior do que o piano, ou o violino ou os instrumentos da orquestra. Com o violão você está sozinho mesmo, porque o pianista que viaja, faz concertos, ele tem que estudar piano em algum lugar, então vai para casa das pessoas, ele convive com as pessoas e o violinista, ele toca com a orquestra, ele faz música de câmara. Essa qualidade do violão de ser autônomo vira uma espécie de massacre para quem vive só de concertos e eu cheguei ao meu limite depois de ter viajado muito.

Esses detalhes de viagem, de concertos, de discos, eu não vou nem abordar aqui porque isso é a minha vida permanentemente, quer dizer, o relatório está em todos os meus discos, está em todas as músicas que eu editei, está nas coleções. Tenho o orgulho de ter praticamente todos os grandes compositores para violão editados nessa coleção que gravei em Paris, mas, ao mesmo tempo, me dá mais orgulho estar começando uma coleção de igual importância aqui no Brasil, na Zahar. Estamos começando uma coleção pra valer, depois de ter gravado 18 discos na França, eu me orgulho de estar fazendo discos no Brasil e estou conseguindo vender os discos, estou conseguindo colocar os discos, já tenho discos até editados pela ABM, em homenagem ao seu Patrono Heitor Villa-Lobos. A quarta edição que eu regravei foi editada aqui e isso é motivo de orgulho infinito

para mim. Evidentemente, é um disco mais comercial, puxa os outros eu fiz de propósito, propus isso à Academia e acho que deu certo.

Novamente começa o “não”, o que você não fez ou o que você não quis fazer. O “não” outra vez pesou muito quando eu não quis ficar em Paris, quando eu não quis, de repente, continuar uma carreira onde eu vivia me sentindo um número, me sentia um anônimo, de um lado para o outro, sentia uma falta danada da raiz e isso provocou uma coisa muito importante, que foi a volta ao Brasil. Não foi para ir à praia, é lógico que eu adoro a praia, adoro tomar cerveja, mas a volta ao Brasil foi uma necessidade de trabalhar coletivamente, trabalhar com outras pessoas. Eu tive um pouco essa chance de fazer isso na França. Eu criei músicas de Andre Jolivet, eu criei primeira audição de Milhaud , mas tinha um limite. A França não era o meu país e não era o país do violão também, como não é do futebol, aqui entre nós.

A volta ao Brasil me permitiu evoluir com mais liberdade, com mais tranquilidade e só no Brasil, por exemplo, eu poderia ter tido o ambiente que eu tive e que começou com o convite do Ricardo Tacuchian para ensinar na Escola de Música da UFRJ e também criar um curso na UNIRIO. Esse convite proporcionou o quê? A escola estava com uma espécie de talentos represados. Um dos maiores é o Francisco Frias, que está ali. Francisco Frias, um tremendo violonista, meu parceirão, que estava lá sentadinho esperando um professor de violão. Não tinha professor de violão, então toda aquela primeira leva de violonistas estava com tanta sede, que fizemos uma orquestra de violões, uma orquestra de estudantes e a orquestra era tão boa que gravou discos, deu uma série de concertos. Eu posso dizer para o Brasil todo porque viajaram até o Rio Grande do Sul, tocaram no Teatro Municipal de São Paulo, fizeram quase seis fins de semana na Sala Cecília Meireles, Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Então, toda essa volta ao Brasil implicou nisso e implicou estar mais próximo do meu amigo Edino, dos meus amigos compositores e senti que eu não tinha perdido o meu país e que dentro do meu país havia um vínculo muito forte.

Esse vínculo se liga também a certas pessoas como Guilherme Figueiredo em Paris. Quando eu cheguei a Paris, o Guilherme pediu para que eu fosse à embaixada do Brasil, porque ele gostava muito de violão e eu tinha o meu primeiro disco que foi gravado pelo Museu Villa-Lobos. Guilherme virou um amigo, um amigo mesmo do peito. Aqui no Brasil, o Guilherme, na UNIRIO, ele dava força ao violão, a toda essa coisa brasileira do violão, essa força do instrumento. Ele não só dava na UNIRIO como dava também na FUNARJ, a tal ponto que em um dado momento de impasse o Guilherme me convidou para dirigir a Sala Cecília Meireles, o que eu fiz realmente carregando a cruz nas costas, não era o que eu gostava de fazer. Eu colaborei durante seis meses. Ele saiu e eu saí quase dez minutos depois, mas essa é uma lembrança desse queridíssimo amigo que estava vinculado à minha pessoa desde Paris.

Outra experiência engraçadíssima foi a de ser compositor, porque eu não estudei para ser compositor, eu acho que eu fui aprendendo como é que os outros faziam. Eu ficava de olho no Sérgio Barbosa, ficava de olho nessa tropa toda, aí, resultado, um dia me apareceu uma ocasião de fazer algumas pecinhas para um filme chamado “Pagu”. Fiz e o roteiro do filme ganhou o “Kikito” e eu passei a me considerar o compositor mais premiado do mundo, porque eu tinha feito uma música e tinha vencido o “Kikito”. Essa brincadeira me levou a compor outras coisas que,

felizmente, foram todas bem sucedidas. Por isso, eu me considero um modesto compositor, meio acidente, porque não estudei para ser compositor.

Então para encerrar mais ou menos, para pegar o caminho da saída, eu quero dizer o seguinte. Essa trajetória me ensinou que há dois valores na vida que para mim são essenciais, que nada é feito sem esses valores, nada vale a pena sem esses valores que são: o amor e a amizade. Eu tive a chance de ser casado com a Sandra durante vinte e dois anos, tive dois filhos com ela, Ricardo e Manuela, nasceram em Paris, mais um motivo para eu querer voltar ao Brasil. Mais tarde casei com a Marta, estamos casados há dezesseis anos. Tenho dois filhos adotivos que estão aqui, o Júlio e o Beto, aliás, estão vendendo discos depois lá. Eles vêm para trabalhar e pegar o deles. Os caras só falam na comissão. Os amigos são amigos tão maravilhosos que dão uma força tremenda e eu aprendi que há muitas maneiras de você viabilizar a amizade, isso também faz parte da trajetória, e uma dessas maneiras é você criar espaço para a amizade. Quando nós trabalhamos as orquestras de violões, na realidade era um espaço para a amizade. Era um espaço para o atrito e para a amizade, porque não existe amizade nem amor sem atrito. Então é um espaço para você aparar as arestas e para você plantar e construir.

A mesma coisa é a Associação dos Amigos do Museu Villa-Lobos, da qual eu tenho um tremendo orgulho. Uma Associação que já tem quase dezessete anos e que vem funcionando, feito uma verdadeira catapulta de lançamento de talentos e de manutenção do Museu Villa-Lobos. Eu acho que essas são as grandes lições, quer dizer, dos privilégios e dos sortilégios da vida.

Para mim, falar hoje aqui, no dia do pentacampeonato, foi absolutamente sensacional. Eu disse assim: “mas tirei na loteria, vai ser pé quente assim na baixa”.

Eu disse aqui para um amigo meu que está lá no fundo e que não me deixa mentir e ele perguntou: “você vai torcer?” E eu respondi: “que torcer rapaz, o Brasil já ganhou”, aí eu fui para Ponta Negra. Estava todo o pessoal lá aos urros com o Brasil. Eu fiz umas coisinhas que eu tinha que fazer na casa, o jogo estava rolando. Fui tomar banho, acabei de tomar banho, cheguei e disse: “bom, agora vamos fazer os gols; primeiro gol, segundo gol, então eu acho que a um certo momento temos também que agradecer a Deus o pé quente.

O pé quente é uma coisa ótima, maravilhosa, mas é preciso que você faça fé no pé quente, é preciso você chegar aqui na Academia e ter uma vaga ali defronte. Se você pensar na vaga, não dá certo. Você tem que pensar de uma maneira assim difusa. Vale a pena ser pé quente na vida. É isso, obrigado, amigos.